

Banqueiros não prevêem redução significativa da dívida mexicana

por Stephen Fidler
do Financial Times

Diretores dos principais bancos credores do México dividam que um acordo de financiamento negociado no momento possa resultar numa redução significativa da dívida do país, como pedem as propostas esboçadas em março pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady.

Os diretores e outros altos representantes dos bancos credores do México manifestaram o desejo de chegar a um acordo com o governo mexicano rapidamente, mas disseram que nenhum acordo voluntário chegará à escala de redução da dívida prevista pelo México ou pelo Tesouro norte-americano.

Havia uma grande expectativa de que o México seria o primeiro beneficiário das propostas de Brady, que prevêem a redução acelerada da dívida dos países devedores problemáticos, com apoio financeiro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD). Grosso modo, os Estados Unidos previam uma redução de 20% na dívida de alguns países.

O "chairman" do Citicorp, John Reed, que preside o Comitê Assessor dos Bancos, convocou uma reunião de banqueiros que se realizou na terça-feira à noite. Um importante banqueiro norte-americano afirmou ontem: "Foi então manifestada a esperança de que poderemos chegar a um acordo com os mexicanos, mas esse acordo deverá ser estruturado de maneira diferente da que foi prevista pelo Tesouro norte-americano".

Os banqueiros rejeitaram também unanimemente um pedido mexicano de um financiamento bancário provisório, de várias centenas de milhões de dólares por mês, enquanto não for implementado um amplo acordo de financiamento. Combinar um financiamento provisório atrapalharia, entre outras coisas, as negociações para a obtenção de um acordo amplo, disseram os banqueiros. Além disso, os banqueiros acreditam que o México está pedindo mais do que necessita, ao solicitar aos bancos comerciais fundos anuais da ordem de US\$ 4 bilhões.

Os banqueiros duvidam que, tendo em vista a quantidade de apoio financeiro que o FMI e o Banco Mun-

dial deverão fornecer, a redução da dívida possa ser tão substancial como se esperava. Cerca de 30% de um empréstimo já combinado do FMI, no valor de US\$ 3,6 bilhões, poderão ser usados para ajudar na redução da dívida e cerca de 30% de um financiamento esperado do Banco Mundial, de US\$ 1,5 bilhão, poderão ser usados também para o mesmo fim. Os bancos não sabem se as duas instituições multilaterais concordarão em fornecer mais financiamentos destinados à redução da dívida.

Alguns banqueiros manifestaram a opinião de que os governos credores poderão fazer mais para aliviar os problemas dos devedores. Estas opiniões deverão ser apresentadas durante uma reunião entre representante do Grupo dos Sete países industrializados e dos bancos comerciais, marcada para 15 de maio. (Ver matéria no quadro.)

Outro beneficiário imediato das propostas de Brady deverá ser a Venezuela, que atualmente está negociando um novo pacote de financiamento com seus bancos comerciais. Ontem, pela primeira vez desde janeiro, os banqueiros disseram que a Venezuela fez pagamentos de juros de sua dívida do setor público. Está sendo também negociado um financiamento interino para a Venezuela.